TL 7005

Companheiro e irmão Ramos Horta

Abraços fraternos, com o calor da estima pessoal.

Permite-me, irmão, que nos tratemos de forma a ultrapassarmos as barreiras do formalismo tantas vezes negativo e que não deveriam existir entre nós.

Recebi a cópia da tua carta - o original ficou com Hodu e penso que já recebeste uma carta dele; alegrou-me imenso a tua lembrança, muito mais ainda porque acabo de sair de (muito) uma situação muito difícil. Estamos a assitir à maior ofensiva militar de há dois anos para cá, que resultou no cerco ao Quartel-General do CNRM, baseado nas áreas de BUNARIA, entre Same e Ainaro e onde, isto é, nas proximidades do local onde nos encontramos com Robert Domm. Para o efeito, foi empregue o efectivo de 5 batalhões, pessoalmente comandado pelo Panlima. Da acção, resultou a captura de todos os documentos e diverso material, inclusive material de guerra e a morte de muitos guerrilheiros.

Passo a abordar as questões levantadas na tua carta, já sob um outro contexto político, não só dentro do espírito do Memorando feito pelo Prof. Barbedo de Magalhães como orientado pela resoluções da reunião de Aitana.

1. O RER tinha por objectivo, concreto e prático, ordenar uma acção conjunta e vigorosa que oferecesse uma imagem de solidez de combate a toda a resistencia timorense. Isso evitaria, entre outras coisas, atropelos à disciplina e facilitaria um sentido único às diversas direcções de escoamento de informações para o exterior, um problema sério por nós sentido porque enfranquecia o conjunto já que dispersava os esforços. Aquilo que nos custava tanto resolver, a partir das montanhas, teria a sua adequada resposta na própria acção de disciplinar estruturalmente a relação interior/exterior, ao mesmo tempo que se iria proporcionando uma capacidade global, na frente externa, de encarar unificadamente formas de accionamento das actividades - nunca tomadas da FRETILIN ou da UDT -, ultrapassando-se assim o estádio de convergência de princípios mas dispersão e desordenamento na materialização desses mesmos princípios.

Não foi possível fazer prevalecer uma estrutura nos moldes propostos e hoje devo afirmar-te que estou moral e politicamente inibido de deter "o comando sobre o processo". Não que me movessem quaisquer ressentimentos face à discordância sobre o RER mas feriu-me imensamente o ter constatado que eu não era merecedor da vossa total e plena confiança pelos meus actos. E isso retirou-me automáticamente a capacidade moral e política para decidir sobre algo mais que fosse.
Por outro lado, devo dizer que eu não sou cínico, gosto, sim, de ironizar situações e talvez seja por vezes ofensivamente irónico mas sempre procurei actuar com honestidade, utilizando embora alguns subterfúgios que só pretendem encobrir "aquilo que se queria dizer mas não deve ser dito". Confesso, com (tda) toda a sinceridade, que me desgostou imenso ter que assumir sòzinho certas responsabilidades no processo. Porque a guerra nos educou aqui a falar claro e assumir honestamente as responsabilidades sobre os próprios actos, nunca esquecerei o momento em que me vi obrigado pelas circunstâncias a redigir, com raiva, a "carta aberta de mea-culpa"... só para manifestar o meu repúdio!

2 - O SIR aparece

-- o SIR apareceu-me realmente como uma necessidade complementar perante o esforço disperso de todos nós e eu estava disposto a contribuir pessoal e o mais efectivamente possível nos seus projectos, diga-se de passagem, tanto mais cativantes quanto mais se sentia a necessidade de inovação, de criatividade para se ultrapassar certa morbidez... que já desencantava!

Aliás o SIR vinha de encontro àquilo para que eu me preparava para o "depois" - uma organização cívica de carácter político, apartidária, que tentaria ser a resposta, independente e de peso, às questões cruciais da vida nacional. Inclusivamente, já desde 1988, procurei ganhar adeptos para esse projecto político junto de quadros de diversos escalões da resistência armada. Todavia, hoje por hoje, eu devo respeitar o acordo que assumistes em 17 e 19 de Setembro.

3. Quanto à Presidência da FRETILIN e quanto ainda às FALINTIL, as resoluções da reunião de Aitana já responderam antecipadamente às tuas propostas e sugestões.

4. Sobre "profiles"

MEU IRMÃO, somos humanos e por mais cínico e falso que um indivíduo possa ser, não pode evitar ser vencido por momentos de sinceridade. Falo-te a um irmão, numa relação que só a luta pôde construir. Sensibilizam-me as tuas manifestações de estima, de consideração e, devo dizer, de uma veneração, imprópria e imerecida.

Ponderadas as exigências da situação posterior às campanhas, assumi sem hesitação o comando da resistência, sem o menor sentimento de vanglória mas banhada pelas minhas próprias lágrimas. Foi uma decisão pessoalíssima, transmitida depois a todos. Sabia, tomava consciência, sem a menor pontinha de orgulho, de que eu era o mais indicado, por me sentir mais preparado para assumir a responsabilidade pelo processo. Sabia, estava consciente das futuras dificuldades que me esmagariam na minha inexperiência de um comando sobre um todo extenso e complexo. Sabia, tomava consciencia mesmo assim de que se me escusasse, seria o mais vil cobarde porque trairia o meu próprio ideal de luta. Sabia e tomava consciência de que devia cumprir o meu dever para com a Pátria e para com o Povo.

Um período difícil, crucial no destino da nossa Pátria mas que, por outro lado, era um período (fácial) fácil e oportuno, susceptível de acolher, albergar, a semente da ambição ao poder, para juntar, para enquadrar um objectivo pessoalissimo de realização aos deveres que as funções atribuem. Venci um duro combate estando, meu irmão, continuamente precavido para repudiar a mínima fraqueza nesse sentido, traindo assim os meus próprios principios de SERVIR TOTAL E UNICAMENTE A PATRIA! Hoje, estou em condições para te dizer que me encontro imunizado, pelo tempo e pelas durezas da guerra, moral e politicamente, nesta questão.

Aceitei e continuo aceitando, com plena consciência de que estou apenas cumprindo o meu dever, que me tomem, que me considerem "líder da resistência" e, dentro deste espírito de combate, é que decidi, no RER, sem presunções nem orgulhos descabidos, assumir a Chefia da Resistência.

Eu creio que, por razões que deves entender, as decisões de Maio da reunião extraordinária do CNRM, não conseguiram alterar o quadro das responsabilidades anterior a essa reunião e, portanto, o quadro que as resoluções dessa reunião tenta-

vam modificar tendo assim e apenas efeitos teóricos ou simbólicos no exterior.

Internamente, a estrutura fornecida pelo RER é a que continua ordenando o pensamento e as actividades politicas da resistência e, creio eu, até com implicações no exterior. Não foi porque eu pretendesse ou pretenda manter e consolidar a liderança pessoal e, muito menos, que eu tivesse influenciado directa ou indirectamente para este "statu quo" interno. "A confusão e o descontentamento" quanto à minha saída da FRETILIN produziram-se apenas aí no exterior; teria sido porém uma total confusão e um verdadeiro desapontamento se eu abandonasse o meu posto nesta trincheira comum. Aceitei e continuo aceitando e não me esquivarei do dever que a Pátria exige e o Povo me entregou e seria uma verdadeira traição "fugir das minhas responsabilidades". Sei e assumi, todavia, a consciência de que a minha missão acabará com o fim da guerra, com a Libertação da Pátria... se tiver a felicidade de a poder contemplar na mais absoluta tranquilidade da paz que estamos construindo. Um soldado, por mais valente e corajoso que seja, não pode merecer, em caso nenhum, a promoção para general. Fazê-lo seria ridicularizar um exército.

Enquanto os meus olhos passavam "sobre o perfil de um estadista timorense", apenas sorri de comiseração para comigo mesmo. Entendo o grau da tua emoção, entendo a intensidade da tua estima, entendo ainda a profundidade do teu gesto, recheados de uma admiração que só a imaginação da distância e do tempo pode idealizar, construindo a tua concepção acerca de mim. Li o primeiro número do "Aide Memoire" e agradeço-te a lembrança. Irmão, aceitarei, se tiver que ser teórica e estruturalmente de novo formulada a Chefia da Resistência, quanto mais não seja para garantir que a RA possa ser identificada como uma parte necessária a ser englobada em qualquer projecto de solução.

Nunca, todavia, aceitarei, meu irmão, que me apontem para ou me equiparem a um estadista. Felizmente mas felizmente mesmo, também não tenho ambições. A única, para a qual continuo empenhado com todas as minhas forças, é a de contribuir para a Libertação da Pátria. Depois disso e se viver até lá, só desejo ter tempo para percorrer de novo o trilho andado e procurar reconhecer as pegadas deixadas pelas FALINTIL... nas matas de Timor-Leste... para venerar o sangue dos meus homens, recordar os seus feitos e reter na lembrança os seus sacrificios. Qualquer pretensão para uma carreira pessoal seria um ultraje ao sofrimento dos meus homens e eu não serei tão vil para cometer tal acto!

Para além disto, meu querido irmão, eu conheço-me profundamente bem e, podendo parecer inverossimil, fazer uma guerra é muito mais fácil que... "assumir" ambições! Muitos anos (art) atrás, ao receber cartas deste género, teria medo de mim mesmo; hoje, muito felizmente, não necessito de estar fugindo dos meus próprios pensamentos. Finalmente, meu irmão, agradeço-te para que respeites o juramento que eu fiz aos meus homens: lutar APENAS pela Libertação da Pátria Maubere!

Para terminar, reitero em ti toda a confiança e estima que sempre depositei na tua pessoa e junto a elas, a confiança e a estima de Bukar e Hodu e de todos os guerrilheiros. Temos a certeza que, relançado no teu reenquadramento, prosseguirás connosco a luta que começaste... antes de mim!

De toda a resistência, abraços!